

QUALIFICADA COMO OSS, FUNDAÇÃO FACULDADE DE MEDICINA APODERA-SE DE HOSPITAIS PÚBLICOS

Débora Prado
Jornalista

Daniel Garcia



No debate sobre o Sistema Próprio de Saúde da USP (3/10/11), “Projeto Zona Oeste” foi questionado

Além das OSS, as fundações privadas ditas “de apoio”, controladas por docentes das faculdades de medicina da USP e da Unesp, também são grandes beneficiárias da política de saúde em São Paulo, uma vez que receberam a gestão de importantes hospitais públicos universitários nos 16 anos de PSBD à frente do governo paulista. Mário Covas endossou o empréstimo do Banco Nacional do Desenvolvimento

e Econômico e Social (BNDES) à Fundação Zerbini, em 1997, e Serra socorreu a entidade quando ela entrou em colapso financeiro (*Revista Adusp*, edições 24 e outras).

Agora, essas fundações qualificaram-se, ou estão pleiteando a qualificação como Organizações Sociais da Saúde. A Fundação para o Desenvolvimento Médico e Hospitalar (Famesp), que se relaciona com a Unesp, pleiteou a qualificação como

OSS no ano passado, mas sua assessoria de imprensa informou que o processo ainda não foi concluído. Atualmente, a fundação atua como interveniente de convênio entre a Unesp e a Secretaria de Estado da Saúde na gestão do Hospital Manoel de Abreu e dos Ambulatórios Médicos de Especialidades (AMEs) de Bauru, Tupã e Itapetininga.

Já a Fundação Faculdade de Medicina (FFM), contrafação da

Faculdade de Medicina da USP, firmou quatro contratos de gestão entre 2008 e 2010 a partir da qualificação como Organização Social de Saúde. Dois deles com a Secretaria de Estado da Saúde: um para o Instituto do Câncer do Estado de São Paulo “Octavio Frias de Oliveira” (Icesp), em 2008, e outro para o Instituto de Reabilitação Lucy Montoro (IRLM), em 2010.

Outros dois contratos foram realizados com a Prefeitura de São Paulo: em 2010, um contrato passou para a FFM a gestão do Pronto Socorro Municipal da Lapa (“Professor João Catarin Mezomo”) e do Pronto Socorro Municipal do Butantã (“Professor Dr. Caetano Virgílio Neto”). Já em 2008, a Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo e a FFM, juntamente com a Faculdade de Medicina, firmaram contrato para o gerenciamento das ações e serviços de saúde na Microrregião Butantã/Jaguarié.

Por este último, conhecido como “Projeto Zona Oeste”, a FFM passou a gerenciar a rede de saúde de toda microrregião, composta por seis distritos administrativos (Butantã, Morumbi, Raposo Tavares, Rio Pequeno, Vila Sônia e Jaguarié) da zona oeste do município, cuja população é estimada em 420 mil habitantes.

O projeto prevê que, progressivamente, a fundação privada assumirá toda a rede pública instalada nesta área, o que representa 14 Unidades Básicas de Saúde (UBS), cinco postos de Assistência Médi-

ca Ambulatorial (AMA), um Ambulatório de Especialidades, dois prontos-socorros e um hospital. Os equipamentos se somam ao Hospital Universitário (HU) e Hospital das Clínicas (HC), localizados na mesma região.

A *Revista Adusp* teve acesso ao contrato de gestão do “Projeto Zona Oeste”, que, entre outros pontos, permite a contratação de servidores sem concurso público, a terceirização de serviços e a aplicação de recursos públicos repassados no

A Revista Adusp teve acesso ao contrato de gestão do “Projeto Zona Oeste”, que permite contratação de servidores sem concurso público, terceirização de serviços e a aplicação de recursos públicos repassados no mercado financeiro

mercado financeiro, “desde que os resultados sejam revertidos, exclusivamente, aos objetos do presente contrato de gestão”... Na época de sua assinatura, em 2008, o contrato estava estimado em mais de R\$ 142 milhões.

Com os novos contratos, os resultados financeiros da FFM têm apresentado superávits crescentes. No Relatório de Gestão 2007-2010, a fundação afirma que seu superávit passou de R\$ 44,3 milhões, em 2006, para R\$ 141,6 milhões em 2009 — um aumento de quase 220%. Para o exercício de 2010, a expectativa é ainda maior: superávit consolidado de aproximadamente

R\$ 223 milhões, com receitas na ordem de R\$ 878 milhões e despesas de R\$ 655 milhões. De acordo com o relatório da entidade, a previsão de receita para 2010 é aproximadamente 132% maior que as receitas de 2006.

O documento explica: “Segundo as projeções, a maior receita em 2010 será a decorrente de projetos (subvenções), que aumentou cerca de 553%. Tal elevação justifica-se principalmente pelos contratos de gestão assumidos pela FFM entre 2008 e 2010 (Icesp, Região Oeste/PMSP e IRLM), que recebem recursos significativos. Outra fonte importante, os valores auferidos através da assistência médica realizada pelo Sistema Único de Saúde (SUS), apresentou também aumento de aproximadamente 16% no quadriênio. As demais receitas tiveram, sem exceção, aumentos relevantes”.

Ao mesmo tempo em que expande sua atuação no SUS, a FFM amplia a participação no segmento privado. As receitas com saúde suplementar subiram de R\$ 38,9 milhões, em 2006, para R\$ 55,1 milhões em 2009.

Por meio de sua assessoria de imprensa, a FFM afirmou que não há propostas para que a fundação gerencie novas unidades públicas, e não concedeu entrevista. A reportagem solicitou também uma entrevista com a professora Sandra Grisi, atual superintendente do HU e, em 2008, presidente do Conselho Diretor do Projeto Região Oeste, mas ela não foi concedida.